

Heróis marginalizados: Uma contextualização histórica da graphic novel *X-Men: Deus Ama, o Homem Mata*¹

Hernani dos Santos JUNIOR²
Jônathas Sant'Ana LUZ³

RESUMO

O artigo analisa alguns elementos do contexto histórico e sociopolítico em que foi publicada a graphic novel *X-Men - Deus Ama, o Homem Mata*, roteirizada por Chris Claremont e ilustrada por Brent Anderson. Lançada nos Estados Unidos em 1982, dois anos após a eleição de Ronald Reagan, a história carrega elementos de crítica ao discurso dos expoentes dos movimentos representativos da direita cristã fundamentalista que se tornara popular no final da década anterior e no início dos anos 1980. O objetivo do artigo é destacar algumas características desses movimentos e identificar as críticas a eles no enredo da graphic novel. Tais críticas são evidenciadas na figura do vilão, o televangelista William Stryker, um protestante fundamentalista que prega a extinção dos mutantes, objetos de preconceito e intolerância por parte do seu movimento. A análise da obra busca incentivar o levantamento de questões a respeito da imagem midiática da religião da época no modo como é percebida pelos artistas da cultura pop em seu tempo.

PALAVRAS-CHAVE: religião; mídia; fundamentalismo; quadrinhos; política.

O jornalista Steve Turner ao listar motivos pelos quais os cristãos deveriam prestar atenção na cultura pop, destaca que “a cultura popular pode ser um indicador útil do *Zeitgeist*. Qualquer um que quiser ficar alerta com relação às mudanças de atitudes e tendências religiosas faz bem em ficar atento”. Turner (2014, p. 23) ainda diz que “por

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada Engenheiro Coelho, SP, 18/8/2016

² Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC). E-mail: hernani.sj@gmail.com

³ Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC) e Tecnólogo em Design Gráfico pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH). E-mail: santana.jonathas@gmail.com

ser um lugar de debate e negociação, ela [a cultura pop] nos dá exemplos de como nossos contemporâneos estão pensando”.

Em 1963, Stan Lee e Jack Kirby criaram uma das mais famosas equipes de super heróis da empresa de entretenimento Marvel Comics, os X-Men. Os membros da equipe são mutantes, humanos que nascem com mutações genéticas que lhes conferem seus poderes. Esse fato foi usado pelos roteiristas da revista para “transmitir a representação de uma minoria que era desfavorecida e perseguida” (OLIVEIRA, TOMAZ, 2015, p. 9). Lançada nos Estados Unidos em 1982, a graphic novel *Deus ama, o homem mata*, roteirizada por Chris Claremont e desenhada por Brent Anderson, é uma das mais emblemáticas histórias dos mutantes com essa temática social. Nela, um televangelista protestante, Reverendo William Stryker usa a sua influência religiosa e midiática como um meio de espalhar a mensagem de que os mutantes são “manchas na criação divina.

Em sua introdução para a edição especial de 2014, Claremont afirma o que foi que o inspirou a escrever a história: “lá estávamos no início da década de 1980. Ronald Reagan era o presidente dos EUA e uma onda de conservadorismo invadia a nação; uma reação da parte mais tradicional da América contra as atitudes hedonistas e não patrióticas dos anos 1960 e 1970” (CLAREMONT, 2014, p. 7). Diante dessa declaração enfática, inspirado pelo período histórico em que a história em quadrinhos se situa, o artigo busca a contextualização histórica do cenário político e religioso dos anos 1980 nos Estados Unidos para identificar os elementos históricos e ideológicos desse período que se encontram na história. Para cumprir com esse objetivo, serão utilizados autores como George M. Marsden, Clyde Wilcox, Sharon Linzey e Ted G. Jelen, que estudam as raízes do fundamentalismo cristão americano. A partir desse material, o artigo estabelece um paralelo entre as ideias apresentadas na graphic novel e o cenário político e religioso da época.

1. O fundamentalismo cristão estadunidense e a política dos anos 1980

George M. Marsden (2006) e Clyde Wilcox (1991) concordam que a direita política religiosa nos Estados Unidos nos anos 1980 – chamada comumente de *New Christian Right* (Nova Direita Cristã), que chamaremos aqui apenas de Direita Cristã –

possuía suas bases no fundamentalismo cristão norte-americano que, segundo a análise histórica de Marsden (2006, p. 3), começou a tomar sua forma mais recente ainda nos anos 1920 e reflete a velha direita cristã dos anos 1940 e 1950. O movimento da “Maioria Moral” (*Moral Majority*) é um dos maiores representantes da *New Religious Right* nos anos 1970 e 1980. Liderado pelo televangelista Jerry Falwell; “oficialmente formado em 1979, este grupo exercia uma influência considerável na política americana, especialmente após a eleição de Ronald Reagan em 1980” (BANWART, 2013)⁴.

Marsden define que, de início, “o fundamentalismo foi primariamente um movimento religioso [...] professando total confiança na Bíblia”, afinal, “a sua rejeição significava seguir o caminho largo que terminava com as torturas do inferno” (MARSDEN, 2006, p. 3, tradução livre).⁵ Ele cita o trabalho de Ernerst Sandeen (*apud* MARSDEN, 2006, p. 5, tradução livre), que atribuiu o fundamentalismo principalmente à crença pré-milenarista e à crença na inerrância do texto bíblico. Sobre essa atribuição, o autor destaca que “ele [Sandeen] está certamente correto em supor que o milenarismo e da teologia de Princeton são duas das chaves importantes para a compreensão fundamentalista”, porém, que este não está enraizado na doutrina pura, mas em reações sociais e políticas. Isso fica claro quando define o fundamentalismo americano inicial como “um evangelicalismo protestante militantemente anti-modernista”.⁶

Tanto Marsden (2006) quanto Wilcox (1991) pesquisaram a respeito das raízes doutrinárias do pensamento fundamentalista que viria alimentar a direita cristã. Embora ambos destaquem que a crença na segunda vinda de Cristo, no conflito entre Deus e Satanás e na inerrância bíblica sejam fatores em comum, eles enfatizam períodos diferentes do movimento, quando o perfil dos fundamentalistas aparentemente muda. Enquanto Marsden (2006) segue a linha de pensamento de Sandeen, as pesquisas de

⁴ Officially formed in 1979, this group wielded considerable influence in American politics, especially after the election of Ronald Reagan in 1980.

⁵ “...fundamentalism was primarily a religious movement [...] professing complete confidence in the Bible [...] its rejection meant following the broad path that ended with the tortures of hell.”

⁶ ...a militantly anti-modernist Protestant evangelicalism.[...]He [Sandeen] is certainly correct in supposing that millenarianism and Princeton theology are two of the important keys for understanding fundamentalist.

Wilcox, juntamente com Sharon Linzey e Ted. G. Jelen e influenciados por Turner e Guth (1991, p. 245), levam a um resultado diferente.

[O] otimismo pós-milenarista foi associado com o reformismo *Social Gospel* do século XIX, mas o interesse renovado no pensamento pré-milenarista na década de 1920 (especialmente em dispensacionalismo) levou à retirada fundamentalista da política [...] Eles também relataram resultados a partir de pesquisas de ministros batistas do Sul, indicando que os pré-milenialistas são mais pessimistas sobre a eficácia da participação política e são mais propensos a acreditar que a missão da igreja é salvar almas, não para salvar a ordem social. [...] Também que a maioria dos porta-vozes da Direita Cristã (incluindo Jerry Falwell e Pat Robertson) assumiu publicamente posições pré-milenaristas. Líderes da Direita Cristã têm promovido ativamente o envolvimento político entre os evangélicos, fundamentalistas e pentecostais, e afirmam ter registrado e de outra forma mobilizou milhões de cristãos anteriormente apolíticos. Embora a maioria das pesquisas sugira que estas reivindicações são um pouco exageradas, há alguma evidência de que a direita cristã aumentou ligeiramente a participação política entre os evangélicos (WILCOX; LINZEY; JELEN, 1991, p. 246, tradução live).⁷

De todas as manifestações organizadas da Direita Cristã, o maior grupo representante da desta do final do século XX foi a *Moral Majority*. Banwart (2013, p. 135, tradução livre) a define como “uma organização política que tinha a intenção de envolver a cultura na década de 1970 e responder a uma série de males sociais através de legislação”.⁸ Wilcox destaca, em estudo específico sobre a *Moral Majority*, que o gatilho para a crescente movimentação da Direita Cristã começou com uma preocupação que, nos anos 1950 e 1960, era compartilhada por grupos seculares: “os

⁷ ...post-millennialist optimism was associated with the Social Gospel reformism of the nineteenth century, but that the renewed interest in pre-millennialist thinking during the 1920s (especially in dispensationalism) led to the fundamentalist retreat from politics [...] They also reported results from surveys of Southern Baptist ministers indicating that pre-millennialists are more pessimistic about the efficacy of political involvement and are more likely to believe that the mission of the church is to save souls, not to save the social order.

[...] also note that most Christian Right spokesmen (including both Jerry Falwell and Pat Robertson) have publicly taken pre-millennialist positions. Christian Right leaders have actively promoted political involvement among evangelicals, fundamentalists, and pentecostals, and claim to have registered and otherwise mobilized millions of previously apolitical Christians. Although most research suggests that these claims are somewhat exaggerated, there is some evidence that the Christian Right has slightly increased political participation among evangelicals.

⁸ ... a political organization that was intent on engaging the culture in the 1970s and responding to a host of societal ills through legislation.

perigos do comunismo doméstico”⁹ nos Estados Unidos (WILCOX, 1989, p. 401, tradução livre). Já na campanha das eleições de 1976, a Direita Cristã se levantou contra as medidas pró-aborto e a *Equal Rights Amendment* (“Emenda dos Direitos Iguais”, prevendo igualdade de direitos para as mulheres), que, segundo o discurso da *Moral Majority*, seria a abertura para o “declínio moral e social do país”.¹⁰ Baseado no princípio cristão da família, definida pelo documento oficial da *Moral Majority (Moral Majority: Policy Documents, Family Manifesto)* como “a instituição fundamental da sociedade, uma imutável estrutura estabelecida pelo nosso Criador”¹¹, discurso do líder do movimento, Jerry Falwell (*apud* DOWLAND, 2009, p.608, tradução livre), era de que, se a Emenda fosse aprovada, “poderia sancionar o casamento homossexual, enviar mães e jovens garotas para combate e de forma geral injuriar a dignidade da família tradicional”.¹²

Esse discurso foi a origem de diversos outros de intolerância às minorias sociais. Wilcox aponta que a intolerância provavelmente é o que afastou o apoio dos cristãos católicos que inicialmente haviam se juntado ao movimento pró-vida, contra o aborto (WILCOX, GOMEZ, 1990). Dowland (2009) destaca que sucesso da Direita Cristã entre 1975 e 1980, deve-se principalmente ao seu discurso de salvação da família e da glória da nação. O resultado foi a eleição de Ronald Reagan à presidência em 1980, que embora se declarasse cristão, não parecia “o tipo de pessoa que um dia iria servir como o porta-estandarte de uma cruzada pró-família evangélica”¹³, seus pontos de vista conservadores em relação à política e economia levaram os fundamentalistas a enxergá-lo como “um deles”¹⁴ (LINDER; PIERARD, 1991, p. 60, tradução livre). O apoio da ala religiosa ao seu governo levou o discurso da *Moral Majority* a uma enorme aceitação naquele período.

⁹ ... the dangers of domestic communism – o termo “doméstico” é utilizado pelo autor apenas para designar o comunismo acontecendo dentro dos Estados Unidos.

¹⁰ ... moral and social decline for the country.

¹¹ ... the fundamental institution of society, an immutable structure established by our Creator.

¹² ... could sanction homosexual marriage, send mothers and young girls into combat, and generally injure the dignity of the traditional family.

¹³ ... the kind of person who would someday serve as the standard-bearer of an evangelical pro-family crusade.

¹⁴ ... one of their own

2. Mutantes perseguidos pela direita religiosa

O ano de lançamento da graphic novel *Deus Ama, o Homem Mata* de Chris Claremont não é o único fator relevante para considerar sua intenção crítica em relação à intolerância gerada pela ascensão do fundamentalismo cristão e a direita religiosa da época. Em dado momento da história, a personagem Kitty Pryde, uma mutante judia, é chamada de “mutuna” por um colega da sua academia de dança. No universo dos quadrinhos, “mutuna” é um termo pejorativo para “mutante” (Ver Fig. 1).



Figura 1

Quando Kitty confronta fisicamente o ofensor, sua professora afro-americana a censura diz que “foram apenas palavras”, mas Kitty a questiona: “E se ele tivesse me chamado de ‘chegada de crioulos’, Stevie, você continuaria tão tolerante?!”. Com esse diálogo, Claremont estabelece de forma explícita o paralelo que deseja fazer entre os mutantes e as minorias sociais perseguidas pela ala conservadora. O personagem que

insultou Kitty é seguidor do Reverendo William Stryker, o antagonista da história. Stryker mantém em segredo um grupo de extermínio de mutantes nomeado “Purificadores”. A filosofia por trás do grupo é a interpretação bíblica do reverendo. Em certo ponto da narrativa, quando está prestes a colocar em prática seu plano de exterminar toda a raça mutante de uma só vez, Stryker anuncia seu sermão mais importante, que se inicia com o relato da criação em Gênesis. O ápice do sermão é quando ele diz:

Nós somos seres de criação divina. No entanto, há em nosso meio aqueles cuja existência é uma afronta a essa divindade. Deus criou o homem... a raça humana! A Bíblia não faz menção a mutantes. Assim sendo, de onde eles vêm? Alguns, chamados cientistas, humanistas... dizem que os mutantes são parte do processo natural da evolução. [...] Devemos permitir que aqueles que insistem na proposição de que o homem descende dos macacos nos digam que nossos descendentes... Nossas crianças... Nascerão monstros?! E que isso é natural?! Eu digo não! Eu digo jamais! Nós somos como Deus nos fez! Qualquer desvio deste templo sagrado... Qualquer mutação... Não pode vir do céu, mas do Inferno! (CLAREMONT, 1982, p. 52).

Sua fala não apenas caracteriza o discurso fundamentalista original, em sua campanha anti-modernista e anti-evolucionista, como também emula a articulação dos discursos citados anteriormente. Claremont também deixa claro que Stryker não é um manipulador em busca de dinheiro. Ele verdadeiramente crê no que está pregando. Isso se torna evidente quando ele diz que é “apenas um instrumento do Senhor” (ver Fig. 2).



Figura 2

Fica evidente também que a posição de Claremont não é generalizadora quando, na resolução da narrativa, Stryker, em uma medida desesperada, ameaça atirar em uma adolescente mutante, quando é atingido pelo tiro de um policial. Ao ser questionado por sua atitude, o policial responde: “o Reverendo ia atirar numa menina desarmada! Se essa é a palavra de Deus, com certeza, ela mudou desde que fui à Igreja domingo passado!” (ver Fig. 3).



Figura 3

Apenas para confirmar o que já havia deixado claro em sua narrativa, escrevendo uma introdução para a edição comemorativa da graphic novel em 2014, Claremont contextualiza:

De acordo com aquelas pessoas o país estava retornando às suas fundações, tanto política quanto moralmente. Liderando o ataque [...] estava um bando de televangelistas, propagandeando em todas as frequências, sua renovada visão fundamentalista sobre a Bíblia. Havia os ministérios religiosos há muito estabelecidos, liderados por Billy Graham, Oral Roberts e Robert Shuler [sic], e também suas contrapartes mais recentes, como Pat Robertson (do programa O Clube 700), Jerry Falwell (de A Maioria Moral), Jimmy Swaggart, Jim e Tammy Faye Bakker (de PTL Club), e muitos outros. A visão que muitos desses pastores advogavam era purista e bem definida. [...] Ou você aceitava a Palavra de Deus por inteiro e sem reservas, ou você não a aceitava. E, se assim fosse, estaria condenado. Ao mesmo

tempo, aqueles religiosos começavam a avançar com sua agenda política e social, amplamente apoiada, na esperança de remodelar o país de acordo com a sua fé (CLAREMONT, 2014, p. 7).

A figura de Stryker é emblemática, desde seu ministério como televangelista até a influência política que ele exerce sobre a opinião pública, exemplificada de forma clara na lotação do estádio onde ocorre seu fatídico sermão. Os mutantes são claramente a figura das minorias sociais, que nos anos 1980 eram principalmente representados pelas mulheres, negros e homossexuais. Claremont destaca em entrevista no apêndice da edição especial de 2014 que buscou todos os pontos de vista possíveis para representar uma “gama ampla de pessoas” (CLAREMONT, 2014, p. 76). Kitty Pryde, uma judia adolescente questionadora, Noturno, um católico devoto e temente a Deus, Colossus e sua irmã Illyana, naturais da Rússia e provavelmente alheios à religião, como cidadãos da União Soviética, Tempestade e a sua origem africana, Magneto como um judeu que sofreu nos campos de concentração da Segunda Guerra mundial e reconhece os mesmos padrões de comportamento social aqui etc.

As decisões gráficas de Brent Anderson são interessantes. O ilustrador não poupa o leitor de imagens chocantes de crianças sendo exterminadas apenas por serem mutantes. Os simbolismos religiosos também são explícitos, desde o pingente com a Estrela de Davi no pescoço da Kitty Pryde até as visões do Professor Xavier, repletas de linguagens e figuras visuais característicos da tradição cristã, como demônios e a crucificação (ver Fig. 4).



Figura 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas narrativas e visuais de Claremont e Anderson, a força das palavras e imagens que utilizam, levam o leitor a uma reflexão que vai muito além da simples aventura de um grupo de super-heróis. A história não possui apenas um tom de analogia crítica da sua época, mas também apela para um cunho escatológico ao levar a intolerância fundamentalista até as suas últimas consequências. Eles não deixam dúvidas a respeito do seu posicionamento: o fundamentalismo religioso e o pensamento intolerante que geralmente o acompanha provocam conflitos que podem levar à violência injustificada e ao desrespeito ao ser humano. A presença dos mais diversos tipos de personagem que, em algum momento, ganham voz para suas opiniões, demonstra que uma das mensagens da história é de respeito à diversidade dos seres humanos como espécie e como sociedade, algo que, para Claremont, a direita cristã dos Estados Unidos nos anos 1980 não parecia entender.

Essa análise levanta questões a respeito da imagem da religião que é percebida pelos autores e artistas envolvidos na produção da cultura pop e também incita reflexões sobre como o discurso cristão que ganha destaque na mídia pode influenciar o cenário político e social da sua época. Uma das principais questões a serem levantadas é se a crítica da graphic novel se mostra ainda relevante. Estas são algumas das questões a que esta análise levou seus autores, escolhendo assim, concluí-la com a declaração de Chris Claremont ao final da sua introdução à edição de 2014.

A ironia em *Deus Ama* é que ela é um produto de seu tempo e, ainda assim, quase vinte anos depois, os sentimentos – e a inspiração que me fez escrever a história – mantêm sua relevância. Pessoas ainda são julgadas mais pela cor da sua pele, por sua nação de origem e pela fé que professam do que por seu caráter (CLAREMONT, 2014, p. 8).

BIBLIOGRAFIA

CLAREMONT, C; ANDERSON, B. **X-Men: Deus ama, o homem mata**. Osasco, SP: Panini Comics, 2014.

TURNER, Steve. **Engolidos pela cultura pop**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

OLIVEIRA, F.; TOMAZ, T. Mutuna: Analogias ao Preconceito nas Histórias dos X-Men. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 20., 2015, Uberlândia. *Resumos eletrônicos...* Uberlândia, MG: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/28WJWIg>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

MARSDEN, George M. **Fundamentalism and american culture**. Nova York: Oxford University Press Inc., 2006.

WILCOX, C; LINZEY, S; JELEN, TG. **Reluctant warriors**: premillennialism and politics in the Moral Majority. *Journal for the Scientific Study of Religion*. 30, 3, 245-258, Set. 1991.

BANWART, Doug. **Jerry Falwell, the Rise of the Moral Majority, and the 1980 Election** *Western Illinois Historical Review*. Vol. 5, 133-157, Primavera 2013.

DOWLAND, S. **'Family values' and the formation of a Christian right agenda**. *Church History*. 78, 3, 606631, Set. 2009.

WILCOX, C; GOMEZ, L. **The Christian Right and the Pro-Life Movement**: An Analysis of the Sources of Political Support. *Review of Religious Research*. Vol. 31, 4, 380-389, Jun. 1990.

LINDER, RD; PIERARD, RV. **Ronald Reagan, civil religion and the new religious right in America**. *Fides et historia*. 23, 3, 5773, Set. 1991.